EDUCAÇÃO SOBRE LUTO E MORTE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE

EDUCATION ABOUT GRIEF AND DEATH: A PROPOSAL FOR CONTINUING TEACHER EDUCATION

EDUCACIÓN SOBRE EL DUELO Y LA MUERTE: UNA PROPUESTA PARA LA FORMACIÓN CONTINUA DEL DOCENTE

Milena Aragão[1]

Resumo
A morte, apesar de ser uma realidade que afeta a todos os sujeitos, tem sido tema interdito no espaço escolar, em especial pela dificuldade dos professores em lidar apropriadamente com o assunto. Como resultado, crianças e adolescentes deixam de aprender habilidades socioemocionais para lidar com situações de perda e luto, bem como em serem acolhidas/os adequadamente. Sendo assim, o presente artigo visa apresentar caminhos para a construção de um projeto de formação continuada docente que aborde a temática da morte no contexto escolar. Salienta-se, que é com o adulto que crianças e jovens aprendem a lidar com as perdas e o luto, uma vez que o tem como referencial; assim, uma intervenção adequada junto ao corpo docente, pode ajudar no enfrentamento ao luto e no reestabelecimento das condições emocionais dos estudantes sob sua responsabilidade.
Palavras-chave: Escola. Formação continuada docente. Morte

Abstract
Death, despite being a reality that affects all people, has been a prohibited topic in the school environment. As a result, children and adolescents fail to learn social-emotional skills to deal with situations of loss and grief, as well as to be properly cared for. Therefore, this paper proposes to present ways for the construction of a continuing teacher education project that addresses the theme of death in the school context. It should be noted that children and adolescents learn from adults to deal with losses, as they are based on them; thus, an adequate intervention with the teaching group can help in coping with grief and in reestablishing the emotional conditions of the students under their responsibility.
Keywords: School. Continuing teacher education. Death

Resumen
La muerte, a pesar de ser una realidad que afecta a todas las materias, ha sido un tema prohibido en el ámbito escolar, sobre todo por la dificultad de los docentes para tratar el tema adecuadamente. Como resultado, los niños y adolescentes no logran aprender habilidades socioemocionales para enfrentar situaciones de pérdida y duelo, así como para ser acogidos adecuadamente. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo presentar formas de construir un proyecto de formación continua de profesores que aborde la cuestión de la muerte en el contexto escolar. Cabe señalar que es con el adulto que los niños y jóvenes aprenden a lidiar con las pérdidas y

[1] Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação. Coordenadora da Especialização em Tanatologia (UCS/RNT), Tutora da Rede Nacional de Tanatologia, ministrando a disciplina "Educação sobre a Morte". Atua com Psicologia Clínica e Escolar; Docência no ensino superior; Workshops e Palestras. Contato: mi.aragao@yahoo.com.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.	
Recebido em: 20/12/2021	Aceito em: 05/02/2022

el duelo, ya que lo tienen como referente; así, una adecuada intervención con el profesorado puede ayudar en el enfrentamiento del duelo y en el restablecimiento de las condiciones emocionales de los alumnos a su cargo.
Palabras clave: Escuela. Formación continua del profesorado. Muerte

Introdução

As dificuldades relatadas pelos professores em abordar o tema "morte" na escola são evidenciadas em artigos científicos, os quais justificam a ausência como: tabu; medo em enfrentar a realidade sobre o tema; desconhecimento sobre a melhor forma de conduzi-lo; e temor de a instituição não deter as respostas e transpor os limites do que é próprio da família. (VIEIRA, 2021; GIARETTON, 2020; SCHUCK, BRUXEL E STRAUSS, 2014; KOVÁCS, 2012; MARQUES, 2012).

Todavia, a morte é um fato constante e insere-se no cotidiano de crianças e jovens, seja de forma direta - falecimento de um familiar ou um animal de estimação, por exemplo -; ou de maneira indireta, por meio da mídia. No entanto, eventos como a separação dos pais, mudanças de bairro, cidade, Estado, ou até mesmo de turma e professor, podem ser compreendidos simbolicamente como vivências de morte, podendo ocasionar luto, um processo natural frente a perdas significativas, com decorrências emocionais, comportamentais e cognitivas para o sujeito. Crianças e jovens podem apresentar por exemplo: tristeza, medo, culpa, perda de interesse, problemas de relacionamento com colegas e docentes, bem como queda no desempenho escolar, fatores que justificam o apoio adequado por parte da escola. (VIEIRA, 2021; GIARETTON, 2020; SCHUCK, BRUXEL E STRAUSS, 2014; KOVÁCS, 2012; MARQUES, 2012).

Salienta-se, que é com o adulto que crianças e adolescentes aprendem a lidar com as perdas e o luto, uma vez que o tem como referencial. Assim, como ensinar os estudantes a lidar de forma saudável com esses processos, se os docentes não se sentem seguros em tratar deste assunto em sala aula?

Deste modo, o presente artigo visa apresentar caminhos para a construção de um projeto de formação continuada docente que aborde a temática da morte no contexto escolar. Para alcance do objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica narrativa, fundamentada em Bourdieu (1996,2005); Josso (2010), entre outros autores que colaboram com reflexões fundamentais para a elaboração profícua do processo formativo docente.

Sobre morte, docência e *habitus*

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.
Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022

A morte é um tabu na sociedade contemporânea. Fala-se sobre ela como se estivesse apenas contando um fato: alguém morreu. Todavia, dialogar sobre o que se sente quando ela "bate à porta", não é apropriadamente acolhido. Muda-se de assunto, usa-se eufemismos. Seus efeitos emocionais na vida dos sujeitos são silenciados.

O silêncio social é o mesmo que impera na escola, uma vez que os docentes, antes de serem profissionais, são sujeitos, os quais aprenderam desde tenra idade, que a morte é um tema interdito. (KOVÁCS, 2005)

Assim, quando o professor entra na sala de aula, ele vai munido de conhecimentos construídos durante toda a sua vida – nos diversos espaços de socialização - sobre como, quando, por que e "se" o tema "morte" deve ser abordado. A este conjunto de conhecimentos, Bourdieu (1996) nomeou de *habitus, isto é*, a internalização de traços culturais; um processo de inculcação de valores, condutas e comportamentos que o sujeito incorpora ao longo da vida, o qual é colocado em prática de maneira quase "automática". "É uma espécie de senso prático do que se deve fazer numa determinada situação" (p.42). O *habitus* estrutura tanto a percepção de mundo, como a ação no mundo.

Desta forma, quando um docente não aborda este tema na escola, por não saber o que dizer, como lidar com as emoções do estudante ou com essa temática em sua própria vida (VIEIRA, 2021; GIARETTON, 2020; SCHUCK, BRUXEL E STRAUSS, 2014; KOVÁCS, 2012; MARQUES, 2012), ele não está manifestando apenas um desconhecimento, mas também uma expressão do silenciamento social a que foi e é submetido. Ele está manifestando os traços culturais aprendidos.

Todavia, o *habitus* não é estático, "é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo" (BOURDIEU, 1996, p.106), tendo em vista as pressões das novas experiências vivenciadas pelos atores sociais. Assim, considerar o conceito de *habitus* significa analisar as práticas cotidianas relacionadas com a teia social, entendendo esse cotidiano não somente como reprodução, mas como um lugar – também - de invenção.

Nesse sentido, para que a morte seja adequadamente discutida em classe, acolhida em suas dimensões culturais, sociais e subjetivas; é preciso que o docente reelabore sua forma de perceber a morte, construindo um novo *habitus.* Como assevera Bourdieu (2005), este não é algo inato, mas sim um "[...] produto da história, [...] da experiência social e da educação. Pode ser alterado [...] por novas experiências, pela educação ou treinamento [...]. (BOURDIEU 2005, p.45).

Nessa perspectiva, é condição *sine qua non* haver investimento em processos formativos docentes, oportunizando o contato com o aporte científico que fundamenta o conhecimento teórico sobre o tema, no intuito de mediar adequadamente os diálogos junto a crianças e jovens, como por

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.
Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022

exemplo: conceito de morte, perda e luto; e as particularidades sobre as vivências de morte e luto na infância e adolescência.

Porém, caminhando *paripassu* com o constructo teórico, é fundamental conceder especial atenção aos processos autoformativos, os quais ocorrem a partir de quatro grandes instâncias: 1) por meio da reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); 2) na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); 3) por intermédio das coisas (saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias); e 4) pela compreensão crítica (ecoformação). (JOSSO, 2010)

Neste contexto, os cursos de formação inicial e continuada devem atuar para além do discurso teórico/metodológico. É imprescindível que tais espaços propiciem a reflexão histórica e subjetiva sobre o tema "morte" no contexto escolar, com reflexões e ações que propiciem a construção de novos *habitus.* Afinal, o exercício profissional docente, coloca-o frente a diferentes situações, as quais vão requerer dele a "compreensão de si mesmo: olhar para si e compreender-se educador, inserido em determinado contexto sociocultural. (GOMES, 2009, p.40).

Desta forma, para viabilizar um curso de formação de professores que contemple tais dimensões é preciso, em primeira instância, reconhecer que os professores são detentores de uma historicidade, ou seja, a mudança de paradigma começa pelo olhar "para trás" (desnaturalizando experiências vividas na sua história de vida) e "para dentro" (para suas formas de pensar, sentir e agir). Conforme Arroyo (2011) "o ofício de mestre faz parte de um imaginário onde se cruzam traços sociais, afetivos, religiosos, culturais, ainda que secularizados". (ARROYO, 2011, p.33).

Assim, nas linhas que seguem, será apresentada uma proposta para a elaboração de um projeto de formação continuada docente, que vise entrelaçar a formação teórica e a autoformação, com vistas a erigir um novo *habitus* professoral, de modo a naturalizar um tema deveras silenciado, ignorado e temido socialmente.

Formação continuada: caminhos possíveis

A formação continuada de professores é compreendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, efetivado após a formação inicial, a fim de promover o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem. (DUARTE, 2017)

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.
Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022

Sua construção deve ser realizada partindo das necessidades do corpo docente, incluindo as dúvidas, angustias e medos. Um caminho possível para a promoção de encontros formativos é por meio de reuniões grupais sistemáticas.

O trabalho grupal necessita de sujeitos que se reconheçam uns nos outros e identifiquem-se nas alegrias e dificuldades. Por isso, é importante iniciar a formação, proporcionando espaços de desabafo e escuta empática (sem críticas ou julgamentos), deixando que cada sujeito se expresse livremente, sendo ouvidos e apoiados. Conforme Diniz (2001),

> À medida que não impedimos que a angústia, a dúvida, os problemas façam parte do nosso cotidiano, que eles possam ser ditos e discutidos, estaremos nos posicionando frente ao impossível da tarefa de educar sem, contudo, cairmos na impotência que nos paralisa. (DINIZ, 2001, p.206)

Tais momentos de escuta são fundamentais para promover a criação de vínculos entre os docentes. Nestes espaços, as dúvidas, frustrações, angústias e medos são compartilhados, oportunizando uma sensação de pertencimento grupal, o que torna os professores mais receptivos a uma forma diferente de ver a si, ao tema e a função, favorecendo abertura para a mudança. (DINIZ, 2001)

Após esta vivência de desabafo e escuta empática, o encontro seguinte deve oportunizar o olhar para si e para o outro (auto e heteroformação) (JOSSO, 2010). A efetivação desta etapa, consiste em uma aproximação com a história do sujeito e sua relação com o objeto de estudo: o que o docente ouviu sobre a morte no contexto familiar? Como eram tratados os rituais? Havia crianças? O que ouviu na religião que escolheu seguir? Como recebe as informações sociais? O que o tema da morte faz o docente sentir, pensar e decidir?

Este trabalho permite o reconhecimento do outro, a "mútua representação interna", conceito utilizado por Pichón Riviere (1998) para designar uma interiorização recíproca, tornando possível o reconhecimento do outro em sua singularidade, fortalecendo gradativamente os vínculos, a articulação e a troca entre seus membros. Este momento traduz-se num encontro com a sua história, na tomada de consciência sobre o *habitus*, suas representações, resistências, desejos e expectativas; ao mesmo tempo em que ouve e compreende a história, as representações e as resistências do outro, com vistas a uma mudança "de dentro para fora".

O terceiro encontro tem como objetivo refletir sobre como o tema "morte" é vivenciado em seu espaço de trabalho (saberes da experiência) (JOSSO, 2010): como o docente que vivencia perdas e luto é acolhido pela equipe? Há espaço para escuta empática dos sentimentos? Como cada um atua e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.
Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022

como gostaria de atuar com os estudantes? O que é preciso para reduzir a distância entre o que se sente, pensa, diz e faz?

Após a compreensão sobre si, o outro e as questões subjetivas e culturais sobre a morte, encontros estes que visam iniciar o processo de mudança do *habitus* (BOURDIEU, 1996,2005); parte-se para o quarto e o quinto encontros, os quais têm como objetivos discutir os aspectos teóricos, metodológicos e críticos sobre o tema a ser estudado (Ecoformação) (JOSSO, 2010). Neste momento, os docentes são convidados a apropriar-se de textos científicos que versem sobre perdas, luto e morte. Além da literatura científica, é possível e recomendável que sejam utilizados outros recursos como: vídeos, textos de jornais e revistas, poemas, dramatizações e dinâmicas grupais para melhor apropriação do tema. Fundamental, também, é fomentar o protagonismo dos participantes, pedindo que em cada encontro, alguns se responsabilizem por conduzir as atividades.

O objetivo final destas reuniões, é criar uma cultura reflexiva e leitora, capaz de mostrar que mesmo em pequenos vídeos e textos, é possível retirar conteúdos profícuos para a formação. Ainda, com o modelo tanto de debate grupal, quanto de empoderá-los na condução das atividades, é possível fazê-los perceber que eles mesmos podem dirigir sua formação teórico-metodológica.

Cabe destacar, que a estrutura apresentada é apenas um caminho dentre outras possibilidades que visam naturalizar os diálogos sobre a morte com o grupo docente no espaço escolar. Todavia, é importante evidenciar que todos os encontros, sejam estes sistemáticos ou não, caracterizam formação continuada: as conversas informais na sala dos professores, as discussões nos refeitórios, o comentário sobre alguma ação. Por isso, atuar no intuito de mudar o *habitus* frente ao tema "morte" é de suma importância, já que proporciona a mudança na forma de pensar e falar sobre o tema dentro dos muros escolares.

Considerações finais

A educação é ao mesmo tempo processo e prática social, sendo constituída e constituinte das relações sociais mais amplas. Como formação humana, é realizada em todos os espaços de socialização, sendo a escola o lócus privilegiado tanto para socializar o saber sistematizado; quanto para desenvolver competências que visam resolver demandas complexas da vida cotidiana. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2013) reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.
Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022

Neste contexto, educar sobre a morte torna-se uma necessidade e uma prerrogativa da educação. Contudo, para que ocorra de maneira adequada, é essencial que o professor seja estimulado a refletir criticamente a respeito das dimensões subjetiva, social, cultural e histórica sobre a morte e suas decorrências emocionais, tendo como suporte um espaço para desabafar e ser acolhido em seus medos, angústias, dúvidas e incertezas, bem como sendo encorajado a buscar sua formação contínua.

Estes são caminhos que contribuem para que as crenças historicamente apropriadas pelos docentes, tomem conta cada vez menos da atuação profissional, amenizando o peso do *habitus* e auxiliando o docente a assumir de forma mais segura e consciente a abordagem sobre o tema e seu papel profissional.

Na sociedade contemporânea, as discussões sobre a morte não são bem recebidas, uma vez que ela não é elaborada – primeiramente - dentro de cada um de nós. Urge um movimento de debate em todos os seguimentos sociais, para que possamos acolher uns aos outros com mais conhecimento respeito e empatia. Como uma vez escreveu Rubem Alves: "A morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa [...] nos convidando à sabedoria de viver"[2].

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 4 de out. 2021

DUARTE, Antônio Ricardo Calazans. A formação continuada como processo de aperfeiçoamento da atividade docente. **Revista Ciência Plural**, v. 3, n. 2, p. 1-3, 11 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/13155. Acesso em: 30 de set, 2021

KOVÁCS, Maria Julia Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2005, v. 25, n. 3, pp. 484-497. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012. Acesso em: 30 de set, 2021

SCHUCK, Rogerio. José.; BRUXEL, Vera Lúcia. Kuhn; STRAUSS, Magali Beatriz. A morte na percepção de alunos de quatro a dez anos: um olhar a partir de escolas do Vale do Taquari/RS. **Interfaces da Educação, Paranaíba**, v. 4, n. 12, p. 132-152, 2014. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/503/0. Acesso em: 29 de set, 2021

GIARETTON, Daynah Waihrich Leal et al. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2020, v. 25. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250035. Acesso em: 29 de set, 2021

MARQUES, Patrícia Regina Moreira; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Luto na escola: um cuidado necessário. **Revista Pedagógica**. v. 13 n. 26: jan./jun. 2011. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1265. Acesso em: 1 de out, 2021.

[2] Trecho do poema: "A morte como conselheira". Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/4892715

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.	
Recebido em: 20/12/2021	Aceito em: 05/02/2022

VIEIRA, Paula Cavalcante Trindade; SILVA, Luciana Rios; CASTRO, Selma Barros Daltro. Atuação docente em contexto de luto infantil: interseções entre a prática pedagógica e o acolhimento afetivo. **Cairu em Revista**. Jun/Jul 2021, Ano 10, n° 16, p. 28- 44. Disponível em: https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/20211/3_ATUACAO_DOCENTE.pdf. Acesso em: 02 de out, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____ **Razões Práticas**: Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papirus Editora, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infanti**l. São Paulo: Cortez, 2009.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. 13ed. Petrópolis/RJ: Vozes,2011

DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). **A psicanálise escuta a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

PICHÓN-RIVIÉRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n.1, p. 3-10, jan./abr. 2022.

Recebido em: 20/12/2021 | Aceito em: 05/02/2022